

**TRILHOS
DE MINHA
TRILHA**

Copyright © Editora Patuá, 2017.

Trilhos de minha trilha © Valdeck Almeida de Jesus, 2017.

Editor

Eduardo Lacerda

Capa, projeto gráfico e diagramação

Rodrigo Sommer

Conceito do livro

Davi Nunes

Assistente editorial

Ricardo Escudeiro

J t Jesus, Valdeck Almeida de.
Trilhos de minha trilha. / Valdeck Almeida de Jesus. –
São Paulo: Editora Patuá, 2017.

ISBN: 978-85-8297-462-9

1. Poesia Brasileira I. Título.

CDD – 869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia Brasileira : Literatura brasileira

869.91

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Patuá

Rua Manuel Luiz de Araújo Costa, 287 – Casa 1

CEP 03280-020 São Paulo – SP Brasil

Tel.: (11) 2216-0407

www.editorapatua.com.br

TRILHOS DE MINHA TRILHA

Valdeck Almeida de Jesus

Há Prefácio

por **Geilson dos Reis**

Poeta-Poema – Trilhador de Viagens Poéticas

A poeta, o poema, a poesia, autor, obra e sentimentos que se fundem e confundem-se no momento em que bebemos com prazer a manifestação dos seus versos que deslizam-se sobre estrofes. Língua, linguagens, escritas e falas que libertam o nosso ego e entrelaça em um só elo de pura esquizofrenia.

Quem nos dera um poema por hora se não por dia, ao menos uma poesia, na trilha desses corpos que caminham tão sem destino, tão precisadas e precisados de um livro, para se sentirem mais amada/o, mais ouvida/o e mais viva/o.

O livro Trilhos de minha trilha é um convite a uma viagem subjetiva que a cada estação uma chegada, anuncia e inicia-se uma nova partida, onde não desejamos chegar a um fim. Já na saída nos envolvemos nos Traços desses caminhos da vida e vai tecendo o pensamento poético do objetivo concreto e em palavras forçosas consegue nos fazer saber que já estamos partindo nessa viagem turva, onde tudo se esclarece e se escurece a cada rima. Nesse momento o poeta se anuncia enquanto guia desse trem e desses pés que nos levarão além de nossos cor-

pos para lados opostos da vida; pensar o tempo que passa, os amores achados e até perdidos, os desejos validados e inválidos, desvalidos.

Eu convido ao leitor e leitora que agora está me ouvindo pelos olhos que me leem, que venham comigo e se saciem desses momentos, ciente do perigo que corres ao se aproximar demais dos trilhos ou ser sugado a cada tema em um vagão desconhecido, ou simplesmente ser emaranhado pela caipora em uma mata fechada, em curso de nosso destino.

Quantos poemas lhe falarão de coisas que você tem visto e quantas problemáticas palavras te levarão a refletir sobre todas as virtudes e sobre todos os riscos? O que fazem da história uma estória a cada tema mais envolvente.

Mentis se disseres:

- Não vejo a hora de chegar ao meu destino!

Mentiras se disseste eu que queria chegar ao fim das leituras saborosas que degustei nesse livro de poesias do senhor Valdeck Almeida de Jesus e também não me surpreenderia se, este dissesse que foi tomado por algo imaginário e que, sem pensar foste sugado pelo poema e envolvido pela própria poesia que ele não as inventou, porém, todavia elas que se inventaram.

A poesia, minhas queridas e queridos leitores, tem o dom de nos tocar tão profundamente que a gente não se percebe que já não estamos mais na gente, algumas obrigam que o poeta desabafe-a, lançando-a para fora para concretizar-se em matéria prima; outras puxam com toda força o poeta para dentro de si mesmo fazendo dele um instrumento vivo para, enfim, possuí-lo. Seria justo se eu dissesse que na leitura desse livro que eu vejo um poeta consumido, possuído por essa espécie de

sentimento entre as margens da página que controla as linhas do poema, mas não preso e sim liberto, dentro do próprio sistema físico do papel marcado pelos códigos letrados que ultrapassam as barreiras das indústrias de papelarias, e quando chegamos ao fim dos Traços entramos nas Trilhas que nos leva para sua própria vida.

- Aceita um chá, senhora, senhorita, senhor leitor? Sente-se, por favor! E sinta-se em casa, neste vagão cruzaremos nossas histórias e nossas memórias, conhecerás um pouco daquele que te aborda.

Pronto! Começaremos nesse espaço a ver as paisagens marcadas com cada passo que o nosso guia então irá referenciar-se e, ao longo da leitura, é até engraçado que a cada referencial eu acho uma pegada de mim também, seus sentimentos falam dos meus, meus pensamentos comungam com os seus e o trem avança um pouco mais depressa sobre os trilhos, abrindo as trilhas de nossas vidas segundo a do poeta.

- Obrigado senhor Valdeck Almeida de Jesus

- Estava bom?

- Com pouco açúcar, mas é assim mesmo, toda verdade tem no fundo um gosto amargo por circunstâncias das realidades vividas entre nossas diversidades nesta sociedade segregacionista.

Antes mesmo de despedir-me do autor, já fui transportado para o vagão do Fugor, poemas árdios, quentes de amores eloquentes tomou meu corpo de repente e agora pense bem senhora, senhor leitor, que horas deve ser lá fora? Que dia será hoje? Onde é que eu estou agora? É assim que este livro vai se propagando, nos dispensando o tempo, aproveitando os seus momentos e nos fazendo desejar não sair de dentro. Acho que o poema me jogou de novo de cabeça nas escritas das linhas e

nas entrelinhas, espero que agora ele me ofereça uma cerveja, só uma cervejinha, este vagão é quente e quando tu entrares, ou melhor, quando te puxarem não se surpreendam, leiam tudo que tiver na mesa, nas paredes nas cadeiras, não deixem que nada, absolutamente nada escape sem entrar em vossas cabeças, tu verás se esvaindo em amores híbridos em um vagão obtuso que te tomará como num redemoinho e te sugará para o vagão do Religare.

Lá a viagem é mais calma, mais longa, tudo parece levar-nos a pensar que estamos em outro mundo, outra vida, outro lugar, onde tudo se explica e nada se justifica; a morte parece querer nos libertar, sem temor algum, sem medo do pecado nem da condenação; o Deus que castiga, lá é nosso amigo, fala sem pressa, tudo parece ser fardo leve e tranquilo, eu sei que vocês vão gostar, estão curiosos né? Tudo bem leitoras e leitores, eu não me demoro, já estou prestes a terminar esse diálogo franco sobre esse livro que eu releio sempre para não chegar a nenhum lugar.

- E caramba! Fui arrebatado para os Arroubos e nem me dei conta.

Nessa parte do livro os pensamentos do poeta fazem muita curva, parece que a trilha é perigosa, cuidado com os trilhos! As trilhas podem ter espinhos e pés não são iguais a rodas, se machuca dói; o poeta está pedindo mais respeito à natureza, por favor senhoras e senhores leitores não precisa foices nem facão, as trilhas se abrem só com a nossa imaginação; se sentirem fome, comam a droga da democracia e se quiser ter fome, fume a erva, que ela não é daninha, é que nós estamos chegando no vagão da luta e do luto é o (RE)luto, no submundo dos terroristas, das famílias sofridas, e nesse vagão nós seremos irmãos e irmãs para barrar os tiros, sair dos trilhos, contragolpear esse sistema

fúnebre e seus martírios; nesse momento do livro eu sinto como se a poesia me lançasse sobre os trilhos e o poeta desesperado acionasse o seu apito. fuuuuu... fuuuuuu... fuuuuu... fuuuuuuu...

Mas eu, inconscientemente, recito e recito e recito até que ele me toma, me atropela e me leva, com as suas palavras fortes que toca-me a alma. Nesse momento eu luto, reluto entre a luta e o luto no universo interior de todo o problema, as cadeias as mortes, as vidas negras, a crueldade do racismo, os inimigos, quantos inimigos irmãos, quantos inimigos são? Mas o silêncio no executivo, no legislativo e judiciário grita bem alto. Nós somos a política e vocês serão sempre turistas sem pátria amada! Nós somos a justiça e vocês serão sempre uma raça injustiçada!

Mas tomado pelo livro eu resisto e recito e recito e recito; quer um conselho, minha cara e meu caro amigo? Comece a ler o seu livro que eu vou voltar para o início, pois cada vez que eu termino eu volto para recarregar a minha força no princípio...

Boa leitura!

E cuidado com os trilhos!!!

SUMÁRIO

TRAÇOS

Tecendo a vida 15
Poesia é investimento 16
Deus e a Maconha 18
Vestido de poesia 19
O poeta do carimbo 21
Palavras, palavras... 22
Autorretrato 24
Estou num poço sem fundo 25
O poeta do pedestal 27
Brilho de estrela 28
O Poeta e a Imortalidade 29
Vem amar Sussuarana 30
Desabafo 32
Hoje falei com uma poesia 33
Livros ao sol 34
Quem está na cena 35

TRILHAS

Quem me conhece sabe 39
Abrindo o jogo 40
Vim aqui matar meus
fantasmas 42

LIMPO SEU NOME POR 50
MIL REAIS 43
1966 - 2016 44
Poema para Amanda 45
Morte anunciada 46
Enquanto eu dormia 47
Reticências de vida 48
Viver ou Morrer de Amor 49
Fome 50
Arranquei todos os dentes 51
A infância e a lápide 52
Sou o absurdo 53
Liberto-me 55
Estou cheio de gente 56

FUGOR

Se 61
Fuga do Amor 62
Queda acidental 63
Des(equilíbrio) 64
Só-frência 65
Obtuso 66
Meu amor é híbrido 67

Esvaindo... 68
O cachorro não sabe 69

RELIGARE

Não tenho medo de Deus 73
No princípio era o número 74
Jesus não vai voltar 76

ARROUBOS

Vendo 83
Rua da Palha 84
Eu só uso drogas 85
A culpa é de São Pedro 86
A banana da doida 87
Chuva de crânios 88
Um cachorro vê os homens 89
Je suis eu mesmo 90
Família: infinitas
possibilidades 91
Salvar o universo 92
“Million Air” 93
Terror e Terrorismo: 94
Mulher Sapiens 95

Fome de Democracia 96
Acabou-se o que era doce 98
O TEMER(oso) Dança 99
Você é lixo não reciclável... 100

(RE)LUTO

Triste Bahia Triste 105
O Brasil não sofreu golpe 106
Saudade de meus irmãos 108
Na Ilha de Maré 109
Pomba Preta da Paz 110
Mártires cariocas 112
Não há terrorismo no Brasil 114
Ele só morreu porque eu não
estava lá... 116
Alvejaram um jovem negro 117
Tiro, tiro, tiro... 118
LUTO 119

TRAÇOS

Tecendo a vida

Do alto da minha ignorância
assisto à batalha
de intelectuais
gente sabida
bons faladores
ases na arte
da oratória;
Daqui
d'onde não sou ouvido
nem levado em conta
vejo calhamaços
teses, dissertações
estantes repletas
abraços, condecorações
acordos, diplomas
assinaturas, votações
que não me acolhem
na minha lida
no fazer diário
dos meus garranchos
e dos fios emaranhados
com os quais
eu teço a vida...

Poesia é investimento

É tão grande o lucro
não traduzido em cifras
mas em minúcias
quase invisíveis
internalizadas
em cidadãos-mirins
ou em adultos-prematuros

É tão pequeno o interesse
real interesse
de pessoas físicas
ou fictícias
institucionais
ou superficiais
que envergonham
o verso e o inverso também...

É tão grande o esforço
e a insistência
em resgatar sonhos
coletar fantasias
plantar utopias
que os poetas
não se apercebem
quão longo
e doloroso
é o caminho

Mas eles e elas
insistem
persistem
e resistem...

Deus e a Maconha

Mestre é para ser seguido
Não cegamente, mas
mas e mas... muitos “mas”
Ninguém é dono da verdade
e teorias academicistas
não substituem
nunca vão substituir
a vivência da rua
a poesia nua
a arte crua
e não me venham com escala
com régua e compasso
me dizer que o fazer
tem que ser metrificado
que a estátua tem que caber
dentro de um quadrado
Redondamente está
Equivocado
quem pensa que sabe
sem experimentar
apenas com títulos
diplomas, cadeiras lustradas
das bundas de quem
não sai de gabinete
pra na arte pintar
e o que tem a ver
Deus com Maconha?
Não sei nem quero teorizar...

Vestido de poesia

Procurando um amor
desesperadamente
fui a becos e vielas
metrópoles e distritos
na polícia, no brega,
no matinho escuro...
fui a Nova York, Cuba,
Genève, Mônaco e Madrid,
Varei o Brasil inteiro
tentei comprar amor
com dinheiro;
quando desisti,
desiludido,
incapaz de ver:
ao meu lado estavam
todas as pessoas
que sempre procurei
poetas, loucos,
sonhadores,
favela, centro,
perifa, academia,
cada um ao seu modo
sendo únicos,
individuais,
todos diferentes
e, ao mesmo tempo,
iguais...
me apaixonei por todos

poetas e poetisas
e da poesia
fiz minha camisa...

O poeta do carimbo

Pra rimar lé com cré
CARIMBO
Verso e reverso
Preciso carimbar
Pé quebrado
Verso livre
Mais um carimbo
Métrico ou milimétrico
Meço com carimbo
Publicado ou na gaveta
Só com carimbo
Na internet ou no papel
É com carimbo de madeira
Ou carimbo cibernético
Matou o seu poema
com uma carimbada
carimbo feito de pau
depois matou a si
com uma carimbada
fatal!

Palavras, palavras...

Palavras gordas
negras, ríspidas,
polidas
vocábulo lapidados
congelados
cozidos, crus
palavras cortadas
recortadas, raladas
palavras com cheiro,
molhadas, queimadas
palavras coloridas,
afogadas, assassinadas,
palavras descoloridas,
incolores, com sabores
palavras tímidas,
falantes, mudas
palavras loucas,
racistas, assassinas,
sem sina
palavras venenosas,
cortantes, sentimentais...
são apenas palavras
sem vida,
com uso e abuso,
quando proferidas
quando intencionais
quando bem ditas
quando mal ditas

quando benditas
quando malditas

Autorretrato

A cada dia ele é um
A cada dois dias
Ele é nenhum
E se perde
E se encontra
E se desencontra
No espelho da vida
Em sua lida
É poeta de manhã
E leitor à noite
Revisor na madrugada
Editor no dia seguinte
Vendedor, palestrante,
Ativista cultural,
Conselheiro,
Diagramador,
Cordelista,
Escrivista,
Crítico,
Declamador,
Ciclista,
Malabarista,
Apresentador...
Nessa roleta russa,
A vida passa
E ele não vê...

Estou num poço sem fundo

Entre tantos bochichos
Conversas de pé de ouvido
Disse que disse
E disse que não disse
Desditos e (dez)dicências
(Bem)dicências
E todas as (mal)e(dicências)
Conheço e desconheço
Me afundo nesse mar de gente
E me perco a cada dia
Engolido pelo turbilhão
De pessoas, palavras,
Letras, insinuação,
Metáfora, sentimento,
Rima, trova, pé quebrado,
Verso e reverso,
Que situação!
E me apaixono mais,
Meu peito aberto,
Inflando o coração,
Aonde chegarei, não sei,
Com tanta ânsia, vontade,
Desejo de abrigar a todos e todas
Artistas da palavra,
Que burilam, cozinham,
Fundem e combinam
Alquimia de sentidos
Nesse poço que não se enche

Onde mais se põe poesia,
Mais fundo ele fica,
E me embriaga,
Me apaixono, nem sei...
Se por palavras ou pessoas,
E vou fundo, fundo, fundo...

O poeta do pedestal

Canta, encanta
E se afasta
Se tranca em
Uma casta
Some, em poeira
E, mesmo
Sem eira nem beira
Se “acha”
E perde
A chance
De viver
A poesia
A lida
A vida

Brilho de estrela

Buscamos, como mariposas, a luminosidade;
Aquele fulgor, clarão, lampejo, cintilação...
Inebriados pela resplandecência, pela luz,
Nem sempre damos em contrapartida o talento,
Engenho, habilidade ou lucidez necessários.
Construímos reputação de algodão doce,
Fazemos renome, viramos celebridade;
Nem que seja de um grupo minúsculo e seletivo.
Lustramos o verniz, colocamos auto auréola,
E buscamos, infinitamente, a claridade,
Como borboletas ao sol: mais luminosidade,
Claridade, e iluminação; mais cintilância, clarão,
Holofote e manchete...
Vestimos a farda de gênio, de mestre da sabedoria,
Detentor de valiosa informação a que rotulamos cultura e erudição;
Conquistamos sapiência, estudo, conhecimento, instrução,
Cozemos fardas bordadas de diplomas, medalhas, homenagens,
Dignos de vultos, célebres representantes da sabedoria,
Conquistamos notoriedade, notabilidade, renome, glória,
Popularidade e viramos celebridades...
No panteão da fama, ocupamos prestígio, brasão, honra, títulos;
Construímos obras para a posteridade.
Enfim, a imortalidade. Efêmera, passageira...
A vida inteira guardada em pastas, livros, cadernos, pranchetas...
E tudo passa, vira poeira no rastro de outras estrelas...

O Poeta e a Imortalidade

Fama nas letras
ou na cama
vida insossa
vida em chama
uma hora parte
pra uma melhor
pra uma pior...
imortal agora
por uma hora
quinze minutos
ou absoluto...
e o pedestal
do ex defunto
é disputado
novo imortal
é nomeado
até que a morte
não se demore...

Vem amar Sussuarana

O meu bairro tem leveza
E gente bem humorada
Que acaba co'a tristeza
Tira alegria do nada

Tem poeta e poetisa
Música boa e dança
Pra ver um Novo Horizonte
Todo mundo vira onça

Tem sarau tem poesia
Poeta e poetisa
Quem mora em Sussuarana
Veste do bairro a camisa

Tem gente que acorda cedo
Pra no batente pegar
Faça sol ou faça chuva
Pra família sustentar

Quem mora na Nova ou na Velha
Tem motivo pra sorrir
Porque somos u'a família
E o amor nasceu aqui

A garotada do bairro
Não se diverte sozinha
O encontro é na mangueira
E também lá na pracinha

No sábado temos cultura
Para tudo se expressar
Cenpah Centro Cultural
Pra nossa arte mostrar

O meu bairro tem problemas
E não podemos negar
Não baixamos a cabeça
Nosso lema é superar

Se você ama justiça
Odeia gente leviana
Abraça meu povo querido
Vem amar Sussuarana

Cristiano Sousa, Gleise Sousa, Valdeck Almeida de Jesus

Desabafo

Quando a vida me sufoca
Aperta meu coração
Tento jogar para fora
Em formato de canção
Pego lápis ou caneta
E folhinha de papel
Pra mudar a minha rima
Fazer do inferno meu céu
Devagar na tentativa
Vou fazendo cada verso
O que não digo a ninguém
Com a caneta confesso
Pensamentos sufocantes
Tristeza, saudade ou dor
Troco tudo por poemas
Transformo tudo em amor
E assim eu mudo o mundo
Vou fazendo minha parte
Com certeza a vida é outra
Quando vivemos com arte

Hoje falei com uma poesia

Era uma poesia sem pé nem cabeça,
mas tinha coração e ouvido,
sorvia o ar da minha respiração,
absorvia o vento nas folhagens,
o farfalhar no pé de jaca,
os gorjeios de pássaros invisíveis...

Era uma poesia sem pé nem cabeça,
mas sonhava com dias melhores,
diminuía minhas saudades e dores,
enchia de cores minhas retinas,
fazia-me eriçar pelos ares...

Hoje falei com uma poesia,
e a poesia falou comigo,
falei horas e fui bom testigo
de que não preciso de mais nada
apenas de uma fantasia, um vento,
um ouvido e olhos atentos,
aproveitar fugaz momento,
guardar na memória afetiva,
cada rima e verso dessa poesia: você!

Livros ao sol

Libertei uns vinte livros em Jequié
Não sei pra onde voaram
Se serão lidos ou esquecidos
Soltei ao vento, com o desejo
de boa revoada
Soltei livros na Cidade Sol
pra enfeitarem vidas
criarem sonhos
e alimentarem ilusões...

Quem está na cena

ou nos bastidores
sofre quedas
sente dores
deixa a mãe em casa
nas mãos de cuidadores
quem está na cena
quebra o salto
calça tênis
ensina poesia
a menores infratores
quem está na cena
não se aproveita
não fica como lobo
te serpenteando
à caça, à espreita...
quem está na cena
ensaia, cria, recria
tem mente fértil
coração em chamas
não é pessoa fria...
quem está na cena
bota a cara, denuncia,
não esconde em máscara
o que sente, o que fantasia...

Para Kátia Borges e Evanilson Alves

TRILHAS

Quem me conhece sabe

Não sou a aparência
sou dureza da vida
rude como o vento
aspereza, impaciência
Quem acha que sabe
não me conhece
lembra algo
e logo esquece
Não sou sonho
nem fantasia
na vida, sofri
mas guardei utopia
os melhores me seguem
os piores também
vou me lapidando
desaprendendo
seleccionando
sendo excluído
difamado,
de forma sorrateira,
interesseira
mas perdoo
pois não se chuta
anjo torto
nem cachorro morto...

Abrindo o jogo

Abri o coração e botei as cartas na mesa
Arregacei as mangas e andei feito barata tonta
Mas me agarrei com unhas e dentes ao meu plano
Porque não queria comer gato por lebre
Nem dar com o nariz na porta
Muito menos dar com os burros n'água
Pedi a Deus que me desse uma mãozinha
E que não me deixasse entrar numa fria
Eu estava com a faca e o queijo na mão
Mas ainda estava com a pulga atrás da orelha
Pensei, pensei, fiquei com o coração apertado
Com medo de engolir sapos
Pensei mais um pouco e resolvi
Mesmo que tivesse que dar o braço a torcer
Eu ia continuar batendo na mesma tecla
Só não ia ser um chato de galocha
Nem meter os pés pelas mãos
Cutuquei a onça com vara curta
E comecei a descascar o abacaxi
Quase fiquei a ver navios
Era como enxugar gelo, até fiquei de bola murcha
E quase entro pelo cano, mas fui enchendo linguiça
Dei a volta por cima e lavei a roupa suja
Com medo de levar chumbo
Enchi a cara com água que passarinho não bebe
Arregacei as mangas, fiquei andando nas nuvens
Fui arrastando as asas
E fiz o convite para ir pra onde Judas perdeu as botas

Chegando lá, dei uma de João sem braço
Fiz boca de siri e tirei de letra:
Molhei o biscoito, afoguei o ganso,
Matei a cobra e mostrei o pau...

Vim aqui matar meus fantasmas

Aqueles armados de facas,
os que apedrejaram meu telhado,
todos os fantasmas ocultos,
os incapazes e os cultos,
vim espantar os que me amedrontaram,
aqueles que me pediam dinheiro,
os fantasmas que me assaltaram,
os que tiraram meu sonho e sono,
os fantasmas que invadiram minha casa,
os que invadiram minha família,
os fantasmas que morreram assassinados,
aqueles que foram internados,
vim aqui espantar meus fantasmas,
que quebraram minha porta,
os que ressuscitaram minha aflição,
os que desenterraram sensações já mortas,
vim enfrentar os fantasmas da rua,
da poeira, da via estreita, da ladeira,
vim matar e enterrar meus medos,
entregar meus anéis e meus dedos.
Volto leve, sereno, confiante,
deixando aqui fantasmas e pesadelos,
daqui me permito outra caminhada,
vou seguindo confiante...

LIMPO SEU NOME POR 50 MIL REAIS

Prometo que irei uma vez por ano, passar lâ de aço, esfregar bastante, tirar sujeiras, lixar, pintar, enfeitar...

Todo dia 02 de novembro estarei lá, na quadra e lote indicado, fazendo a limpeza do teu nome na lápide...

1966 - 2016

Já comi toneladas de feijão
Já comi toneladas de arroz
Já comi toneladas de açúcar
Já comi toneladas de farinha
Já comi toneladas de sal

Gastei milhares de quilômetros de papel higiênico
Gastei caminhões de sabonetes
Gastei milhares de metros de roupas
Gastei inúmeras toalhas de banho
Gastei incontáveis lençóis

Queimei toneladas de oxigênio
Joguei na atmosfera toneladas de gás carbônico
Caguei milhares de toneladas de bosta
Mijei milhares de metros cúbicos de lugares

Não sei como vou me acomodar
Em míseros metros cúbicos de caixão
E ínfimos sete palmos de terra...

Poema para Amanda

Quando nasci
Tudo foi natural
Corpo, alma, olhos,
Braços e abraços
Gestos manifestos
E o tempo passou
E com ele
Não aprendi a falar
Olhar, sentir o coração,
Soltar um sorriso
E algo faltava em mim
O tempo passou
Atrofiou o meu corpo
Truncou minha fala
E minha compreensão de mundo
Só comi e bebi com ajuda
E o tempo decorreu
Com ele, perdi mobilidade,
E fui chamada à eternidade
No astral, sou eu mesma
Minha alma sorri e flutua
Inteira, integral
Aqui, meu coração é total..

Morte anunciada

Primeiro sucateia
Gerência de pessoas
Não sabe o que é RH
E Recursos Humanos
É apenas mão de obra
“Se vire com o que tem”
Para cumprir a meta
Não vê as frustrações
Não vê potencial
Não vê as competências
Só vê meta final
E se alguém se mata
Se enche de cachaça
Se vai usar uma droga
É apenas uma fraqueza
Muda de setor
Lhe trata com aspereza
Se morre, tem mais um
E age com destreza
Não bota no jornal
Pra não causar tristeza

Enquanto eu dormia

Muros foram destruídos
Outros foram reforçados
Carros bateram ou viraram
E outros foram construídos
Pessoas morreram afogadas
Florestas foram queimadas
Cirurgias não deram certo
Balas perdidas mataram
Bancos foram arrombados
Pedestres foram assaltados
Chefes foram demitidos
Desempregados admitidos
Bairros foram varridos
Vulcões foram ativados
Bandidos foram à prisão
Outros foram liberados
Enquanto eu dormia tranquilo
O mundo vivia e morria
E quando me acordaram
Percebi que a vida é bela
Pois o amor e o ódio
A raiva e a alegria
A tragédia e a comédia
Tudo faz parte da vida

Reticências de vida

andar na rua
o olhar julgador
ouvidos acusadores
risos sarcásticos
automático 'bom dia'
acenos obscenos
a muleta que não apoia
o tic tac do trabalho
as taxas por carinho
o mar que não me navega
os caminhos que me apedrejam
o medo que me faz rir
o sexo flácido
o restante de vida
as ausências todas
e os silêncios que me habitam...

Viver ou Morrer de Amor

Já vivi cinquenta anos. Metade passando fome e a outra metade tentando comer o passado... Já morri sete vezes e já perdi pai, mãe, amigos, conhecidos, amantes,

inimigos... Já evitei sete brigas e consegui provocar a ira de sete demônios, que me espreitam pelas sombras claras da desfaçatez... Tentei aprender sete idiomas, mas

esqueci as palavras amenas de minha própria língua... Pelas contas do IBGE ainda tenho 15 produtivos anos, não sei... O peso nas costas, os bicos de papagaio, a

espondilartrose, as hérnias de disco, canseira mental, esgotamento emocional e as intempéries internas minam as defesas naturais... Uma doença incurável ou a luta pela

democracia podem abreviar tudo, ou me dar sobrevida, mesmo que em outra dimensão...

Fome

A fome que me comia não dá trégua
e ainda me devora as memórias,
mas não apaga do caminho a rota de vozes
que me dizem de fome
me dizem de saudade e ausências;
me dizem de memórias e recordações;
me dizem de mortes e poeira na estrada;
e outras vozes dizem isso tudo
de ouvir dizer, de leituras e releituras,
sem vivências, sem experiências.
Enquanto isso, lágrimas de memórias afetivas
inundam avenidas e vielas,
confundindo os poucos passos do paraíso
em despenhadeiro para o inferno

Arranquei todos os dentes

Isso mesmo, fiquei desdentado,
afinal, não preciso de incisivos
se não tenho o que morder...
Olhos vazados, finjo não ver;
ouvidos estourados, mouco,
faço de conta que sou louco...
Minha língua, incompreendida,
arranquei, engoli, calei...
das coisas que sonhava,
esqueci, apaguei...
sem pátria, sou um pária,
igual aos cidadãos de minha área...
comovo-me com formigas,
chacinas, não me sangram,
sou laico, nada me insemina...
canibal de ideais,
assassino de horizontes,
desfazedor de utopias,
destruidor de poesias...
esse sou eu, imaculado,
imaterial, serial-killer de futuros...
Soberba e arrogância me montam,
cavalgam minhas ancas, me defloram,
expandem minha falta de memória;
assim, revivo o impossível,
realizo sangrias em veias imaginárias,
deturpo meu caráter, sublimo zerésimas,
e, lúcido, sigo destinos vários,
encruzas infinitésimas...

A infância e a lápide

Na beira do rio
Ou perto da lagoa
A fantasia reinava
Acreditava em fadas
Duendes e Saci Pererê
Após peraltices
No esconde-esconde

Na porta de casa
Ou na canção de ninar
Embalado pelo sonho
O sono me pegava
Na beira do rio
O tempo passou
E levou embora
Minha inocência
Na beira do rio
Perto da lagoa
A lápide engoliu
Meu pai e minha mãe
Comeu, também,
Meu imaginário
E apagou pra sempre
Todo o meu sonhar...

Sou o absurdo

O grito revolucionário
Quebro paradigmas
Destruo modelos
Estraçalho símbolos
Em contrapartida
Aponto o horizonte
Sempre mutável
A inconstância da vida
O jogo de luz e sombra
Uma armadilha
Certinha ou padronizada
Louca ou transtornada...
O caminho se abre
Diante de ti
Escolha a direção
Caia no abismo
Se jogue no precipício
Viva e sobreviva
A luta vã
De permanecer
Morrem fortes
Morrem fracos
Ricos e pobres
Mandatários
Submissos
E a vida permanece
Com regulamentos e regimentos
Debatidos, escritos,

Votados, respeitados,
Aprovados, contestados,
Refeitos, submetidos
Ao debate outra vez
E a inconstância da vida
Em sua eterna labuta
Refaz as regras
E nós, meros fantoches,
Seguimos a lida
Na eterna ciranda
De atração e repulsa
Até o infinito que acaba hoje
E recomeça amanhã
Na interminável onda
Do ir e vir
Sem sentido e sem motivo
Até eu cerrar meus olhos
E apagar da mente
O mundo que criei

Liberto-me

quando me revolto
contra os arquétipos
os padrões
os politicamente corretos
Liberto-me
quando assumo
minha insignificância
diante da vida
do palco armado da vida
e me angustio
porque me ajoelho
diante de novas regras
oriundas de minhas escolhas...
Angustio-me
quando derrubo um muro
e ergo uma muralha
diante de mim...

Estou cheio de gente

Meu Facebook tá cheio de gente que morreu
Cheio de gente com o pé na cova
Cheio de gente nas últimas
Cheio de gente mais pra lá do que pra cá
Cheio de gente indo pra terra de pé junto
Cheio de gente fazendo a passagem
Cheio de gente contando os dias...

FUGOR

Se

você sentisse tesão
não aguentasse me ver
me agarrasse
comesse com os olhos
sonhasse comigo
me desejasse

Se

você perdesse o sono
sonhasse comigo
falasse de mim ao vento
suspirasse fundo
fizesse de mim
o teu mundo
se você morresse
caso me perdesse
eu te amaria
mesmo sem amor

Fuga do Amor

O medo da perda
solidão abandono
tristeza falta
saudade desafeto
adeus até nunca
distância ausência
desconforto insegurança
afeto rejeição
me atormenta
nos amores que se vão
ou nos que nem deixo chegar
desajuste emocional
ou medo de me dar mal
me plantam aqui
nesse deserto afetivo

Queda acidental

Puxei para um lado
Ela não veio
Puxei para o outro lado
E ela, irreduzível,
Impassível, imóvel
Eu, apressado,
Respirei fundo,
Contei até dez
E recomecei
Devagar,
Com carinho
Depois, irritado,
Dei um solavanco
E nada...
Insisti,
Dei vários puxões
Até que ela despencou
Janela abaixo
Morri de susto
Contei os segundos
E ela descendo
Na queda vertiginosa
Até beijar o asfalto
E eu estupefato
Com todo desgosto
Perdi minha querida
Toalha de rosto

Des(equilíbrio)

quebrar a cara
cair na lama
mijar na cama
sem ter aplauso
sem ter a fama
nem aprovação
gente equilibrada
abarrota estante
não perde o tino
nem por um instante
quero o zumbido
no meu ouvido
zanzar na noite
sofrer açoite
não ter certeza
sofrer vileza
sentir o vento
na minha fronte
falar com o tempo
beijar o monte
falar bobagem
beber aragem
viver sem regra
morrer à margem

Só-frência

De mão em mão
Vou fazendo amor
Sentindo falta
Sentindo dor
Amando aos montes
Na minha casa
Ou sob as pontes...
Amando amores
Guardando dores
Gente invisível
Também de cores
Amando ausência
E na sofrência
Não tem ciúmes
Pois quem eu amo
Nem mesmo sabe
Um dia alguns
Outro nenhuns
De mão em mão
Amo silêncio
Amo paixão

Obtuso

não entendo de desvios
apesar de andar fora do prumo
homem desalmado
com medo de amar
indo e vindo sem rumo
avesso a geografia e história
fugindo de cronologias
coordenadas, mapas e roteiros
vivo uma existência árida
sem tomar sol, cara pálida
até ser atropelado,
por uma data, fatídica,
uma rota, nítida:
Quadra Sete, Lote Doze,
antigo endereço
residencial,
vira depósito
dos meus ossos
em algum cemitério
de rua marginal...

Meu amor é híbrido

É pedra, é alma
Meu amor é híbrido
Certo, errado,
De cima, de lado
Sem sexo, sem convexo
Meu amor é híbrido
Meu amor é fogo
É poeira, é água
Meu amor é hídrico
Meu amor é tudo
Que me excita
Ou me irrita
Meu amor
É desamor
É ódio
É paz e guerra
É céu e terra

Esvaindo...

Esvaí-me em esperma
Derramei seiva por aí
Escorri esperma pelas unhas
Pelos olhos, ouvidos e pelos
Fiquei grudento e pegajoso
Escorreguei no rio de gala
Sujei tudo, melei, lambuzei
Senti o cheiro almiscarado
Cabelos grudados
Derramei, sim, esperma
pelas pernas, orelhas,
vomitei esperma
mijei esperma
falei esperma
espalhei sementes
criei gente nojenta
enchi o mundo
com um povo imundo
fiz pessoas aos montes
desapareci na poeira da vida
e sequei a fonte

O cachorro não sabe

Mas hoje é Ano Novo
E ele late e balança o rabo
E faz festa e parece que sorri...
O cachorro acordou cedo
Como faz todos os dias
E sujou o quintal inteiro
E treme de frio
E quer se enroscar em meu pé
E lambe minha mão
E parece que sorri
Ele não sabe que hoje
Exatamente hoje
Faz aniversário de despedida
Do amor de minha vida
O cachorro não sabe e sorri
E eu me alegro com o sorriso dele
E ponho comida
E ponho água
E limpo tudo
E aceito o carinho
E retribuo
E fico feliz
E esqueço
Que hoje é Dia de Ano Novo

RELIGARE

Não tenho medo de Deus

Não fico amedrontado

Não me intimido

Não me atemorizo

Não me acovardo

Não me preocupo

Não tenho temor

Não fico alarmado

Não fico receoso

Não fico temeroso

Deus é energia

É força, utopia

Deus é sonho

É medonho

Imenso, incomensurável

Deus é mil, é miserável

Deus é tudo

Não tenho medo de nada

Não tenho medo de tudo

Sou Deus, sou agulha

Sou Deus, sua fagulha

Sou a fábula de Deus

Sou onisciência,

Onipresença

Onipotência

Não tenho medo de mim...

No princípio era o número

*“A matemática foi a linguagem que Deus usou
para escrever o universo” Galileu Galilei*

cálculo medida
estimativa avaliação
balanço contagem
balancete computação
matemática álgebra
disciplina conjectura
hipótese pressuposição
conta cômputo
contabilidade suposição
alcance grau
medida conceito
nota equilíbrio
prudência avaliação
limite termo medição
norma regra ajuste
proporção estimativa
teste exame aferição
comensurar comparar
peso adequação competência
proporcionalidade
cômputo cálculo calibração
quantia quantidade
conferência resenha
álgebra ciência
física química matemática

biologia física quântica
alcance peso medida
equilíbrio profundidade
altura infinito astronomia
estrela universo constelação
binário enésimo trigonometria
somar subtrair dividir multiplicação
dízima periódica dízimo periódico
dívida pagamento expiação
pai filho espírito santo
alfa ômega princípio meio e fim
e a eternidade calcula soma diminui
multiplica divide e continua
trigonometria telemetria
geometria fractal
sequência de fibonacci
universo verso da criação
no começo tudo era número
e para sempre matemática
matemática pura ciência
deus é cálculo binário
deus é computação
e o verbo se fez carne

Jesus não vai voltar

Ele desce do morro,
da maloca,
sai da quebrada,
sai da favela,
de uma toca ou da viela,
deixa o papelão,
lençol ou cobertor,
enrolado a um canto, no chão,
leva marmita, pega buzão,
na mochila um sonho,
uma utopia, plano de vida,
trabalhar o dia inteiro,
por um prato de ração,
honesto ou desonesto,
circunstância da lida,
num “corre” louco,
sobrevivência,
sem tempo ao menos,
de criticar, sua vivência,
nem sempre volta,
nem sempre morre,
ou é bala perdida,
ou deu um mole,
estômago vazio,
no pé da barriga
aquele frio...
sub vivência,
pior que morte

e ter má sorte,
é violência,
se volta ao morro,
se volta ou morre,
ninguém se importa,
ninguém socorre,
tem mais Jesus,
pra por na cruz,
Jesus não volta,
favela chora,
e faz revolta,
depois tem mais,
morre mais um,
e a cada dia,
a sinfonia,
matando negro,
matando pobre,
pra que não sobre,
no chão da vida,
nenhum guerreiro,
nem testemunha,
Jesus não volta,
e a revolta
se faz de novo,
até que um dia,
sai alforria,
e vem pra fora,
mesmo na tora,
cada Jesus
que vai lutar,

que vai brigar,
e vai honrar
o sangue negro,
do seu degredo,
e cada um,
será herói
com toda glória,
mudando a história,
desse país,
dessa nação...

ARROUBOS

Vendo

VENDO um avião 809-700 com duzentos lugares. VENDO um apartamento de cobertura com cinco quartos e piscina de 200m quadrados. VENDO uma Mercedes i800 com ar, direção e alarme. VENDO um terreno de 4 mil metros quadrados.

Da minha janela estou vendo muito coisa.

Rua da Palha

E também do barro
poeira e pó
de gente sem eira
nem beira
nem pena nem dó
Rua da palha
e da fome
que comia mulher
e comia homem
Rua da pobreza
da doença
da tristeza
rua sem pedra
nem pau
calçada com merda
e espinho
onde a morte
roía os ossos
dos pobres diabos
mulambos de gente
ô povo insistente
que teima em viver
quando a fome
e doença
a falta de crença
quer todos na terra
embaixo da terra
pra acabar com a guerra
de não ter o que comer...

Eu só uso drogas

Não colaboro com
assassinatos
subornos
tráfico de armas
tráfico de entorpecentes
lavagem de dinheiro
sangue derramado
morte de jovens negros
morte de adolescentes
viciados em geral
aumento do crime
mentiras
lares destruídos
saúde debilitada
sequestros
choro e vela
lágrimas vertidas
tristezas
sufoco
roubos em geral
violência policial
guerra entre quadrilhas
toque de recolher
famílias destroçadas
corrupção de menores
aliciamento para o crime
eu só uso drogas

A culpa é de São Pedro

Faltou água na cidade
Rezo pra São Pedro
O desperdício tá demais
Rezo pra São Pedro
Se joga o esgoto no rio
Rezo pra São Pedro
Se desmato nossas matas
Rezo pra São Pedro
Poluição de rios e lagos
Rezo pra São Pedro
Se destruo a mata ciliar
Rezo pra São Pedro
Se sujo a atmosfera
Rezo pra São Pedro
Se entupo boca de lobo
Rezo pra São Pedro
Quando joga lixo na rua
Rezo pra São Pedro
Se não reciclo o meu lixo
Rezo pra São Pedro
Se desperdiço a minha água
Rezo pra São Pedro
Se a chuva não quer vir
Rezo pra São Pedro
Se não protejo as nascentes
Rezo pra São Pedro
Se poluo rios e lagos
Rezo pra São Pedro
Se eu não faço minha parte
Rezo pra São Pedro...

A banana da doida

Ela passava todo dia
na minha rua,
suada, cansada,
trouxa na cabeça,
falando sozinha:
- Tua mãe tá em casa?
- Posso entrar?
Entrava, sentava,
e a gente via logo
a penca de banana
bem pretinha
do sol ou do tempo...
E eu revezava
com minha irmã:
um distraía a doida
outro comia banana...
e enchia a pança
botando comida
em nossa barriga!
Doido era quem
ficasse com fome!

Chuva de crânios

Crânio, crânio, 298 crânios...
Nenhum Ucrâniano.
Crânios caindo do céu
Sonhos virando fel
Crânios em pedaços
Crânios canadenses
Holandeses
Americanos
Crânios crianças
Crânios adultos
Todos em forma de anjos
Voando pelos céus ucranianos
Crânios em chamas
Crânios em cinzas
Crânios cor de sumiço
Crânios calados pra sempre
Crânios que não farão crânios
Crânios que não verão crânios
Crânios cranianos que se tornarão
Massas cinzentas nos invernos ucranianos

Um cachorro vê os homens

Não se olham na rua
nem abanam o rabo
quando se encontram
evitam uns aos outros
mas se olham,
sempre, ao espelho,
pra não esquecerem
suas fisionomias;
saem em bandos
não têm donos
dormem pouco
não têm tempo
pra descanso
não deitam
de pernas pra cima,
não rolam na grama
não relaxam
não descansam

Je suis eu mesmo

Procura-se espaço na mídia
Vale colocar gel tóxico na bunda
Sugar a gordura da barriga
Correr sem roupa nas ruas
Comer até desmaiar
Desfigurar a cara ou o corpo
Inventar uma grande mentira
Publicar um livro, fazer um filho e plantar uma árvore
Pendurar uma melancia no pescoço...
Mas o maior destaque
Que se pode ter
É viver a vida inteira
Como mera pessoa anônima

Família: infinitas possibilidades

Ele criou o homem e a mulher
E ambos criaram o resto
Homem adota filho
Mulher adota filha
Possibilidades aumentadas
Não só reprodução
Encheram fazendas
Lotaram cidades
Todos os gêneros
Todas as afetividades
Pai e mãe biológicos
Pai e mãe de coração
Pai e pai de aluguel
Mãe e mãe de amor fiel
Todas as diversidades
Adoção e inseminação
A família agora é outra
Tem amor e afeição
Deus viu que era bom
Manteve a sugestão
“Crescei e multiplicai-vos”

Salvar o universo

Penso na ecologia,
reciclagem
economia de sabonete,
shampoo, energia elétrica,
economia de toalha,
encanação, torneira, fiação;
Penso nas matas ciliares,
assoreamento dos rios e mares,
árvores, plantas aquáticas,
peixes, musgos, corais,
bichos diversos, animais,
oxigênio, nitrogênio,
diminuição de óxido de carbono,
homenagem aos ancestrais,
tratamento de esgotos,
preservação dos mananciais,
nascentes, poentes;
Penso salvar o planeta,
salvar a humanidade,
penso em desembocaduras,
onde tudo deságua,
por isso não tomo banho,
para não gastar a água...

“Million Air”

(Homenaje a Cartagena de Indias)

Volando solo
en un vuelo solito
sin alas
pero con pájaros voladores
me siento ángel
me siento dios
me siento acompañado
aún sin tu presencia
sé que estás aquí
porque lo siento
dentro, muy dentro... en mi
Entonces, desde ahora
soy un “million air”
llevo el oro, llevo la plata
pues tu imagen
si colgó en mi...

Terror e Terrorismo:

- 1) Genocídio do Povo Negro
- 2) Femicídio
- 3) Holocaustos
- 4) Invasão e massacre em países
- 5) Apoiar militarização do mundo
- 6) Concentrar renda mundial em cinco pessoas
- 7) Destruir meio ambiente
- 8) Intolerância religiosa
- 9) Crimes de ódio a LGBTs
- 10) Racismo
- 11) Não combater esses crimes
- 12) Não necessariamente nessa mesma ordem

Mulher Sapiens

Não era Hetero Sapiens

Nem Bi Sapiens

Nem Macho Sapiens

Era HOMO Sapiens

Fome de Democracia

Nasci na fome de democracia:
Enquanto meu estômago roncava,
fuzis também roncavam ceifando vidas.
Fruto da desigualdade social,
meu alento era a esperança,
o sonho da felicidade na eterna eternidade...
Mãe paraplégica, pai trabalhador braçal,
não tive casa, como abrigo, mas tive mais que isso:
o amor maternal.
Pais analfabetos, com eles aprendi:
mais importante que as letras é o afeto.
Tive irmãos abortados ou perdidos,
mas sobraram mais sete, oito comigo.
A boca da fome me comia todo dia,
levando pra longe a gana de vida
e esperança que viraram utopia.
Brinquedo e comida, eu achava no lixo,
roupa, livros, sonhos, eu achava no lixo.
E pra não ser prolixo, paro por aqui.
Mas não posso parar de enumerar
os eternos tormentos que senti.
Pra festinha de aniversário nunca fui convidado.
Afinal, quem queria na sua casa um menino
esfomeado, magro, buchudo, mal vestido,
desnutrido, perebento e favelado?
Novela, desenho animado e Sítio do Pica Pau Amarelo,
tudo isso pode ser singular,
pra quem não precisa se pendurar na janela do vizinho,

com os pezinhos balançando e sem chinelo.
Roupa de aniversário? Como, se minha mãe
pedia esmola e não ganhava salário?
Água encanada e luz elétrica era luxo pra poucos.
Em minha casa o luxo era quando havia café da manhã
e um osso para o almoço.
Natal e Ano Novo eram datas esperadas, pois era o tempo de
[fartura,
enquanto poucos se locupletavam no mercado da usura.
Mas nada disso me dói mais. Não superei,
mas deixei adormecido.
O que me machuca hoje e provoca o pranto,
angústia e no peito uma dor,
é ser igualado com os herdeiros da opulência, com aqueles
[que enriqueceram
explorando o nosso povo e a nossa consciência.

Acabou-se o que era doce

Da ganância de alguns
Muitos foram para o além
Destruíram vilarejos
Acabaram com o vicejo
De pequenos guaiamuns
Afundaram muitos sonhos
Fizeram de pacatos vales
Pesadelos dos medonhos
Aterraram fantasias
Atropelaram casebres
Fizeram das belas minas
Cortejo lento e fúnebre
De roldão o Espírito Santo
Deu passagem aos metais
Arrastando para os mares
Memórias de ancestrais
A ganância levou tudo
Atolou pra sempre a vida
E deixou só cicatrizes
Pra quem seguiu em sua lida...

O TEMER(oso) Dança

Dois passos à frente
Dois passos atrás
Cansei da dança
Não quero mais
Mudamos a meta
Mudamos a seta
Para frente, para trás
Cansei da dança, não quero mais...

Você é lixo não reciclável...

*“O homem morre pela primeira vez quando
perde o entusiasmo” Honoré de Balzac*

A instituição é tudo meta
a instituição é tudo número
a instituição é resultado
não respeita o teu limite
chama de senil
tua experiência
te discrimina
pela tua diferença
denomina de “bolota” teu sobrepeso
afirma “você não é burro”
sobre tua memória falha...
a instituição não te respeita
quer acelerar
quer correr e disparar
não se importa
se tua velocidade
agora é devagar
aumenta tua carga horária
corta a hora do lanche
diz que teu feriado
fim de semana e aniversário
é dia útil de trabalho
ela quer te matar
ameaça transferir
ameaça demitir

não quer nem saber
que tua vida tem limite
diz que você é forte
não se importa com tua sorte
não se importa com tua morte

(RE)LUTO

Triste Bahia Triste

Na Cidade Patrimônio
na cidade ou no estado
se é Negro e se é Negra
nada é considerado
tratamento desumano
vai no shopping é seguido
vai na praia, vai na feira,
vai na Barra ou Ribeira
povo sempre perseguido

Povo de Periferia
Quilombolas em Salvador
na cidade da Bahia
paz aqui é utopia
no buzu é baculejo
tratamento desumano
e se pode pagar táxi
é pouca a melhoria
pois no meio do caminho
tu vai pra delegacia.

Na cidade Patrimônio
Gente é item de segunda
te tratam como demônio
na cidade Patrimônio
o tratamento é medonho

O Brasil não sofreu golpe

Aqui é um país de paz
Aqui não tem violência policial
Negros e negras são respeitados
Não existe racismo
As mulheres são respeitadas
Não há feminicídio
Não há genocídio da juventude negra periférica
Não há crime de ódio contra LGBTs
Crianças têm infância maravilhosa
Ninguém passa fome
Desigualdade social é um mito
Não existem guetos, favelas nem comunidades
Infraestrutura básica existe em todo canto
Os esgotos são tratados
As águas não são poluídas
Todos têm acesso às artes
A democracia reina plenamente
Não há concentração de renda
Banqueiros não lucram sem limites
A Nação não paga juro sobre juro aos bancos
O país não entrega a banqueiros mais da metade do PIB
O salário mínimo cobre todas as necessidades básicas
O trabalho infantil foi erradicado
Não há trabalho escravo
Os salários não são aviltantes
O tráfico de drogas foi controlado
Usuário de drogas é tratado como dependente
Grandes traficantes são julgados e condenados
Os criminosos presos não mandam de dentro das prisões

Não há políticos envolvidos com o crime organizado
As mulheres negras não estão encarceradas
A população carcerária não é negra nem pobre
Criminosos de colarinho branco não existem
Branços criminosos são maioria nas prisões
Gravidez na adolescência é inexistente
Não há corrupção na política
Eleitos representam o povo com dignidade
A cultura recebe financiamento justo
Não falta educação de ótima qualidade
Os hospitais atendem bem
A homofobia foi eliminada
O povo negro não é maioria nas prisões
Há respeito às religiões de matriz africana
Povos de terreiros são protegidos
Quilombolas vivem em paz
Indígenas têm muitas terras para viver
O meio ambiente está preservado
Não há devastação de florestas
Não há lixões nas cidades
Poluição é algo inexistente
Não há doenças endêmicas
Não existe problema de desemprego
O transporte coletivo é maravilhoso
Não há diferença de salário entre homem e mulher
Os meios de comunicação não estão nas mãos da minoria
A democratização da mídia foi realizada
Há transparência na gestão pública e nos impostos
A justiça funciona igual para poderosos e para o povo.
Infelizmente este é o país do livro e do papel, pois o país de verdade é bem diferente...

Saudade de meus irmãos

Eu não queria ser turista
numa terra que me germinou;
não queria ser discriminado
por causa de minha cor.
A mesma batida que te arrepia
transpassa meu corpo,
vira meu santo,
me leva a reinos
de onde negreiras travessias me retirou...
Não queria ser apartado,
Relacionado, discriminado,
Separado, do meu banzo,
desejo profundo, saudade,
do meu mundo...
do meu universo interior...

Na Ilha de Maré

O negão não vende bronzeador,
comercializa Sundown...
O nego que fura buraco
para o sombreiro,
usa camisa “20 – Müller”,
não fala alemão;
O sorvete Kybon concorre
abertamente, com queijo coalho,
assado na brasa;
E a Igreja Missionária
Brasa Divina,
é propaganda na camisa
de quem vende cerveja...
Na minha Ilha de Maré,
o tempo não passou,
negros servem brancos...

Pomba Preta da Paz

Chega de luz no fim do túnel;
É tempo de enegrecer, escurecer,
todos os túneis, ruas, praças;
tudo virar noite, trevas, sombras...
É tempo de ocupar esquinas, labirintos da Terra,
as profundezas abissais,
empretecer cada canto, cada recanto;

É hora de ocupar o que é de direito,
repartir a renda nacional,
estar em todos os continentes,
rios, riachos e afluentes...
É tempo de reciclar,
passar tudo pelo Buraco Negro,
filtrar o mundo e o universo,
fazer outra prosa e outro verso...

A coisa tem que ficar preta
e quanto mais preta, melhor;
se empretecer, vai melhorar...

Mentes e consciências
o Câmbio Negro vai cambiar
e a cor negra vai imperar...

Será um novo mundo,
com Magia Negra
e todos terão orgulho

de ser mais uma Ovelha Negra
participar do Mercado Negro
e entrar na Lista Negra
pois tudo vai enegrecer...

É hora de substituir a Pomba Branca
pela verdadeira Pomba Preta da Paz...

Mártires cariocas

Cinco pares de olhos
que me imploram por dizer,
comentar o que passou,
dizer que não foram culpados,
mas vítimas de erro policial,
de racismo do Estado...
Cinco pares de ouvidos
que me imploram para ouvir
de mim e de todos nós
um grito de basta!
Basta de domínio do povo negro por uma casta;
São cinco corações parados
cujas batidas reprimidas
denunciam as ações
de um Estado genocida!
São cinco mentes aquietadas
me pedindo pra pensar,
lembrar que também sou potencial
que a qualquer momento serei
a próxima vítima fatal
de extermínio seletivo
patrocinado pelo Estado
enquanto ficarmos calados.
São cinco rostos sem sorrir,
cinco feições sem chorar,
sensações que foram freadas,
de jovens que sonhavam, que vibravam,
que apenas comemoravam

a sorte do primeiro emprego,
mas foram exterminados
como outros em muitas quebradas,
mortos na guerra civil,
cujas “balas perdidas escolhem pretos e matam”...
São cinco sonhos, cinco destinos,
todos ceifados por um louco desatino,
que me pedem pra não chorar,
mas que divulgue seus desejos de meninos,
de amar, formar família, dançar felizes, brincar de anjos...
São cinco, somados aos mais de mil e tantos que se foram,
que imploram pra não serem esquecidos,
não se tornarem apenas números em relatórios,
não querem choros nos seus velórios,
pedem justiça, que o braço policialesco seja logo desarmado;
pedem paz, pedem aos que ficam que velem, de verdade,
por outros meninos e meninas,
que não se permita que sejam assassinados!

*Pelos cinco jovens mortos pela polícia carioca:
Roberto de Souza, 16 anos, Carlos Eduardo da Silva
Souza, 16, Cleiton Corrêa de Souza, 18, Wesley Castro,
20, e Wilton Esteves Domingos Junior, 20.*

Não há terrorismo no Brasil

Somos um país “cordial”, como disse o manipulador
Somos um país de paz, de filhos sem pais e sem mães
Temos a Lei Kandir que entrega nossas riquezas de bandeja a
[estrangeiros

E nem recebemos espelhos e bugigangas em troca
Não há terrorismo no Brasil
Não há, também, tsunami, terremoto, furacão...

Não há terrorismo no Brasil
Somente assassinatos da juventude negra e favelada
Não há terrorismo no Brasil
Somente genocídio de índios, sem-terra, quilombolas e ciganos
Não há terrorismo no Brasil
Somente se queima índios, mendigos e moradores de rua
Não há terrorismo no Brasil
Somente helicópteros lotados de cocaína, maconha e falta de
[vergonha

Não há terrorismo no Brasil
Somente incêndios criminosos de matas, favelas, becos e vielas
Não há terrorismo no Brasil
Somente uma cultura do estupro que envergonha nossa nação
Não há terrorismo no Brasil
Somente aborto clandestino que vitima nossas mulheres
Não há terrorismo no Brasil
Somente crimes de ódio contra gays, lésbicas, travestis e
[transexuais

Não há terrorismo no Brasil
Somente concentração da renda nas mãos dos herdeiros da nação

Não há terrorismo no Brasil
Somente terras devolutas, latifúndios improdutivos e exploração
[de trabalhadores

Não há terrorismo no Brasil
Somente desrespeitos aos mais básicos direitos humanos
[universais

Não há terrorismo no Brasil
Somente fome, indústria da seca, doenças endêmicas e
desrespeito ao meio ambiente

Não há terrorismo no Brasil
Somente entregamos nossas riquezas a quem quiser, a preço de
[banana

Não há terrorismo no Brasil
Somente leis que criminaliza a luta social e amordaça a quem
[disser o contrário...

Ele só morreu porque eu não estava lá...

Eles saíram em um pequeno grupo
Rapazes de 13, 15, 17 anos
Todos na flor da idade,
Sorridentes, alegres, brincalhões...
De Sussuarana, de Tancredo Neves,
Do Cabula... não se sabe
Mas eram jovens, lindos, cheios de vitalidade...
No Centro Administrativo da Bahia, CAB,
Entraram na mata, para pegar uma jaca...
Um deles foi picado, não se sabe por que...
Uma aranha, escorpião, cobra?
Subiram de volta, amparando o ferido...
Queixa de dor, coceira, falta de ar...
Pedidos de socorro, nenhum carro parou.
SÃO BANDIDOS, SÃO GOLPISTAS, NÃO PAREM...
VOCÊS PODEM SER ASSALTADOS, ASSASSINADOS...
Não são monstros... são crianças, gente...
Falta de ar, alergia, inchaço... ninguém parou...
Desespero, choro, pranto, pedido de socorro, revolta...
Não deu tempo salvar uma vida...
Não eram monstros, assassinos, ladrões, assaltantes...
E o menino voou para o céu...
Mas ele morreu, porque EU não estava lá...

Alvejaram um jovem negro

Tiraram dele tudo o que podiam tirar
deram-lhe um nome qualquer, um sobrenome qualquer
uma moradia, não, um barraco, num morro qualquer
sem identidade, sem CPF, sem INSS, sem alicerce
foi-se história, geografia, idioma, bioma, antropologia
nada lhe restou, senão a mendicância social
em distantes subúrbios, ou mesmo no centro do caos
alijado de fé, orixás, crenças, adolescências
tiram-lhe tudo, o sonho, o por vir, o dejavù
Num posto desses, onde se pode comprar chocolate
num armazém desses, onde se pode comprar mate
um negro alvejado, amestrado pelo Estado,
quis e consegui: alvejou outro, na flor da idade...
Foi um segurança, não se sabe a causa,
a alegada autodefesa, já há muito oficializada
e uma mãe, agora, sentia o cordão umbilical,
ali, no asfalto quente, ser violentamente cortado,
perfurado, com olhos revirados, se despedindo,
e eu, da janela do ônibus lotado, lento, morria junto...
E os olhos marejados daquele menino, de quinze e poucos,
assaltaram minha mente, e não saíram mais de mim,
e, mesmo com este poema, não consigo mais dormir,
desde aquele dia, na Avenida Ogunjá,
quando um anjo foi A-L-V-E-J-A-D-O...

Faz um ano, ou mais, e o socorro não foi suficiente para ele resistir aos ferimentos. No HGE, se despediu da vida...

Tiro, tiro, tiro...

Corri pra janela
olhei o movimento
e a gritaria
muitos rindo
outros lamentando...
Na cara de uns
a tristeza
a reprovação
o desespero;
Para outros
a chance
a vingança
já vai tarde...
Triste isso
alguém se divertir
enquanto
outro alguém
no momento insano
grita em desespero
- Tiro, tiro, tiro
tiro tudo e fico nu...

LUTO

A gente sonha com um filho
Roga a Deus que ele venha
Saudável, inteligente,
Trabalhador, honesto,
Que ame a liberdade
e que respeite o próximo
Espera mais que nove meses
o dia de ver seus olhos
sentir a pele, o calor do corpo
Se apaixona, sem conhecer
e sonha, e imagina e cria imagens
E vê crescer, falar a primeira palavra,
a dar os primeiros passos
Acompanha até a escola,
Ensina a andar de bicicleta,
respeitar as leis e a vida
E vem um desconhecido
e muda tudo...
Antes de deixar de sonhar
de novo, e insistir e vencer,
EU LUTO...

A vida pode ser vivida de forma singular, egoísta, ou pode ser compartilhada, dividida entre lutas, sonhos, utopias. A poesia que o autor tenta construir nesta obra literária é a segunda opção de vida: aquela em que as batalhas e conquistas, bem como as derrotas e choros são de todos. Trilhos de minha trilha demonstra esta caminhada, tentativa, de estar junto, de ser o ombro amigo e de também ser acolhido no ombro disponível. Leitor e leitora poderão trilhar seus próprios caminhos durante a leitura, numa verdadeira viagem em busca de uma sociedade mais justa, igualitária, democrática. Pegue seu vagão!

Esta obra foi composta em Serif72
em outubro de 2017 para a Editora Patuá.

Tiragem de 100 exemplares